

INTRODUÇÃO

*Josué Pereira da Silva**

A morte de André Gorz completa dez anos em 22 de setembro de 2017. Importante intelectual de esquerda da segunda metade do século XX e início de século XXI, Gorz é autor de duas dezenas de livros e de uma grande quantidade de artigos e entrevistas, com destacada contribuição em diferentes áreas do conhecimento, como sociologia do trabalho e ecologia política. Após sua morte em 2007, seus escritos têm sido objeto de crescente atenção, como atestam os diversos livros e artigos publicados nos últimos anos a seu respeito. Por isso, o presente dossiê pode ser interpretado tanto como uma homenagem a Gorz quanto como uma interlocução qualificada com sua obra. Ao interpelá-la criticamente, as sete contribuições que formam este dossiê também contribuem para colocar a obra de Gorz no centro das discussões teóricas e políticas em ciências sociais e, sobretudo, em teoria social crítica.

* Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Departamento de Sociologia. Rua Cora Coralina, 100. Cidade Universitária Zeferino Vaz. Barão Geraldo. Cep: 13083-896. Campinas – São Paulo – Brasil. josueps@unicamp.br

Com diversos livros publicados no Brasil,¹ Gorz é, há bastante tempo, uma figura conhecida entre nós. No entanto, o interesse por seus escritos, não só no Brasil, aumentou bastante após sua morte por suicídio em 2007. Desde então, presenciamos a produção de uma grande quantidade de textos – livros, coletâneas, artigos e entrevistas – que comentam sua obra ou algum aspecto dela. Destaco aqui alguns artigos na forma de obituário que vieram a público logo após o passamento de André Gorz e o de sua mulher Dorine.² Destaco também dois dossiês publicados no Brasil, um na revista *IHU On-line*, ainda em 2007,³ e outro na revista *Tempo Social*, em 2009.⁴ Entre os

¹ *Estratégia Operária e Neoliberalismo* (Zahar, 1968), *Socialismo Difícil* (Zahar, 1968), *Crítica da divisão do trabalho* (Martins Fontes, 1980), *Adeus ao Proletariado* (Forense/Universitária, 1982), *Metamorfoses do trabalho* (Annablume, 2003), *Misérias do presente, riqueza do futuro* (Annablume, 2004), *O Imaterial* (Annablume, 2005), *Carta a D. História de um amor* (Annablume/Cosacnaify, 2008), e *Ecológica* (Annablume, 2010).

² Ver a respeito Valdivielso (2007), Gollain (2008), Bowring (2008), Freitas (2008) e Campos (2008).

³ Esse dossiê conta com três entrevistas sobre Gorz com Josué Pereira da Silva, André Langer e Ricardo Antunes. (*IHU on-line*, 2007, p. 27-41).

⁴ De uma mesa organizada em homenagem a André Gorz, no *Encontro Anual da Anpocs*, realizado em outubro de 2007, em Caxambu (MG), resultou um dossiê, organizado por Iram Jacome Rodrigues e Josué Pereira da Silva e

muitos livros sobre Gorz publicados após sua morte, destaco duas coletâneas, *André Gorz: um penseur pour le XXIe siècle* (2009) e *Sortir du capitalisme: le scénario Gorz* (2013), que abordam diversos aspectos de sua obra e uma importante biografia intelectual, *André Gorz, une vie* (2016), que reconstrói toda sua trajetória intelectual e pessoal. Trata-se, portanto, de um conjunto de textos que abordam diversos aspectos da vida e da obra de Gorz: sua história de vida desde a infância, incluindo as mudanças de nome,⁵ a carreira como jornalista, o perfil de um intelectual existencial-marxista e filósofo autodidata, as influências intelectuais de Jean-Paul Sartre, Karl Marx e Ivan Illich em sua obra, assim como os diversos temas dos quais Gorz se ocupou em sua extensa produção intelectual.

Qualquer que seja o tema ou aspecto privilegiado em cada uma das análises, os estudiosos de sua obra realçam nela, como traço permanente, a crítica intransigente às formas de dominação e opressão e a necessidade de sua superação. Na medida em que sua crítica se baseia em diagnósticos de época atentos às mudanças sociais, ela não se fecha a revisões e autocríticas quando, em sua visão, elas se fazem necessárias. É à luz delas que devem ser analisadas algumas inflexões em suas análises, conforme são apontadas por alguns dos estudiosos de sua obra. Da mesma forma, é também à luz dessa capacidade de autocrítica que devemos avaliar suas proposições teóricas e políticas de mudança social.

publicado em 2009 na revista *Tempo Social*. Esse dossiê conta, além de uma apresentação assinada pelos organizadores Iram Jácome Rodrigues e Josué Pereira da Silva, e de um artigo do próprio André Gorz sobre “O envelhecimento”, com mais três outros artigos assinados por Josué Pereira da Silva, Iram Jácome Rodrigues e Ricardo Abramoway.

⁵ André Gorz nasceu em Viena, Áustria, em 9 de fevereiro de 1923, com o nome de Gehardt Hirst. Aos sete anos de idade, por causa da ascendência judaica do pai, a família trocou o Hirst por Horst (Horst significa bosque em alemão), de forma que seu nome passou a ser Gehardt Horst. Ao emigrar para a França após a Segunda Guerra mundial e tornar-se cidadão francês, ele trocou Gehardt por Gérard. Além do pseudônimo André Gorz, com o qual ficou famoso, ele também usava, principalmente nos escritos sobre ecologia, o pseudônimo Michel Bosquet (bosquet significa bosque em francês). Para mais informações, ver: Rodrigues e Silva (2009) e Gianinazzi (2016).

Os artigos que formam o presente dossiê não abordam todos os temas dos quais Gorz se ocupou. Mas, independentemente da chave analítica escolhida, cada autor ou autora procura, cada um ou uma à sua maneira, abordar seu próprio tema à luz do conjunto da obra gorziana. A despeito disso, no entanto, os artigos variam não só no que respeita ao tema abordado, mas também em sua pretensão de abrangência. Por isso, falarei a seguir, brevemente, de cada um deles, seja para justificar seu lugar no conjunto do dossiê, seja para destacar a contribuição específica de cada um.

X X X

Abro o dossiê com o artigo de Willy Gianinazzi, “O capitalismo de imaterial e a produção de si segundo André Gorz”, porque, embora seja um texto relativamente curto em comparação com alguns dos outros, ele é bem abrangente no que concerne à abordagem de Gorz a respeito do capitalismo contemporâneo. É um texto conciso e claro na apresentação daquilo que eu denominaria diagnóstico gorziano de época. O diagnóstico enfatiza a passagem para o capitalismo do imaterial, no qual a inteligência coletiva (*o general intellect*) torna-se a força produtiva principal. Gianinazzi não se limita, no entanto, a apresentar o diagnóstico gorziano do capitalismo; ele também realça as consequências teóricas e políticas que dele decorrem, sobretudo na formulação de proposições políticas de mudança social que apontam para uma superação do capitalismo. Por permitir aos leitores uma sucinta visão de conjunto das formulações de Gorz, considerarei que era o mais apropriado para iniciar o dossiê.

O artigo “O marxismo de André Gorz”, de Michael Löwy, que partilha, em grande medida, a abrangência analítica do anterior, trata de um tema recorrente e polêmico entre aqueles que lidam com a obra de Gorz. Basta atentar para a pergunta com a qual Löwy abre seu texto: “Gorz era marxista?” Desde a década de 1980, quando comecei a trabalhar de for-

ma mais detida com os escritos de Gorz, ouço esse tipo de pergunta. Geralmente as pessoas de quem ouvi perguntas como essa a respeito de Gorz não diziam o que elas próprias entendiam por marxismo, mas se diziam marxistas e, no mais das vezes, colocavam Gorz fora desse universo. Löwy aborda a questão de forma mais inteligente e menos ortodoxa, porque, em vez de procurar classificar o autor ideologicamente como marxista ou não, ele vai ao ponto que mais interessa: o emprego por Gorz do instrumental teórico de Marx em suas formulações e análises da sociedade capitalista. Além disso, Löwy chama a atenção tanto para a reflexão de Gorz em torno da ecologia política – tema geralmente ignorado pelos marxistas ditos ortodoxos – quanto para a alternativa ecossocialista indicada por seus escritos.

Os três artigos seguintes abordam um tema central na obra de Gorz: o trabalho. Embora suas abordagens sejam diferentes e até certo ponto divergentes entre si, os três formam um núcleo comum temático em torno do problema do trabalho, ainda que muitas vezes transcendam a análise desse tema.

Em “O trabalho em André Gorz: três reflexões, uma problemática”, Henrique Amorim propõe-se a problematizar a concepção (ou concepções) de trabalho presente em três momentos da obra de Gorz. Assim, além de realçar o problema do trabalho em cada um dos momentos, Amorim identifica uma oscilação nos escritos de Gorz em relação ao lugar ocupado pelo trabalho e argumenta, ademais, que tal oscilação decorre da sua interpretação sobre o desenvolvimento das forças produtivas. Por isso, ele conclui que Gorz permanece prisioneiro de uma determinação tecnológica e de um limitado conceito de trabalho.

No artigo “A invenção do trabalho: historicidade de um conceito nas obras de André Gorz, Dominique Méda, Françoise Gollain e Serge Latouche”, Nuno Machado também se interessa pelo conceito de trabalho em Gorz, mas o faz a partir de uma análise na qual discute a evolução do conceito de trabalho em

Gorz à luz das contribuições de alguns de seus interlocutores contemporâneos. Ao enfatizar a contribuição e o pioneirismo de Gorz no que se refere à historicidade do trabalho, Machado contrapõe a formulação gorziana às concepções trans-históricas de trabalho, que o concebem como categoria ontológica.

Assim como os dois últimos autores, André Langer, em seu artigo “Racionalidade econômica, trabalho e ecologia em André Gorz”, dedica-se ao problema do trabalho. Seu interesse, no entanto, não está propriamente centrado no conceito de trabalho, mas sim na relação entre trabalho e crise ecológica. Ao colocar o tema da crise ecológica no centro de sua discussão, Langer realça os usos que o capitalismo faz do trabalho-emprego como instrumento de destruição da natureza. Com isso, ele põe em discussão não só o tema da ecologia política, já abordado por Michael Löwy, mas também o da crise do capitalismo, objeto do primeiro artigo de Willy Gianinazzi.

O artigo seguinte, “André Gorz, pela incondicionalidade da renda”, de Françoise Gollain, trata de um tema que aparece rapidamente no artigo de Gianinazzi. Em seu texto, Gollain toma como objeto a análise de Gorz a respeito da renda de existência, mostrando como o tema evoluiu nos escritos de Gorz desde a década de 1980 até 2007, quando publicou seus últimos textos. Mas sua análise do tema da incondicionalidade da renda nos diversos momentos da produção gorziana não se limita à discussão específica da renda de existência; ela discute o tema colocando-o no contexto da teoria de Gorz em seu conjunto. Dessa forma, ela deixa muito claro que a posição de Gorz a respeito da incondicionalidade da renda só faz sentido se for compreendida em conexão com outros dois importantes temas presentes nas formulações dele: a redução do tempo de trabalho e o incentivo ao desenvolvimento de atividades autônomas, cujo sentido está nelas próprias. Assim, os três temas formam, em conjunto, um tríptico que é a base da concepção gorziana de uma sociedade

de multiatividade. Vê-se, pois, que, embora se proponha a lidar com um tema específico, Gollain empreende, em seu artigo, uma análise abrangente seja da própria obra de Gorz, seja da crítica dele ao capitalismo, seja ainda do horizonte emancipatório anunciado por suas proposições de políticas sociais.

No artigo que completa o dossiê “Nota sobre o conceito de ‘reformas revolucionárias’ de André Gorz”, Josué Pereira da Silva procura recuperar uma categoria formulada por Gorz na década de 1960 e também utilizada por ele em seus escritos mais recentes. Silva defende a tese de que o conceito gorziano de ‘reformas revolucionárias’ é um unificador metodológico de suas formulações sobre mudança social, além de se constituir em importante ferramenta para que ele vincule as lutas em torno de temas imediatos da vida cotidiana a outras lutas mais abrangentes, tendo em vista um horizonte emancipatório de médio e longo prazo. Para tanto, Silva ilustra sua análise com dois temas caros às preocupações de Gorz: a redução do tempo de trabalho e a renda de existência (tema abordado mais detidamente por Gollain no artigo anterior). Nas considerações finais, Silva ensaia ainda algumas aproximações entre o mencionado conceito de Gorz e algumas ideias formuladas por outros autores contemporâneos.

Por fim, este dossiê objetiva não apenas homenagear André Gorz aos dez anos de sua morte, mas também contribuir para impulsionar ainda mais o interesse por sua obra, que se constitui numa das mais importantes críticas à irracionalidade do capitalismo contemporâneo.

X X X

E, *last but not least*, quero registrar meus agradecimentos a Celia Maria Marinho de Azevedo e a Fabio Mascaro Querido, que gentilmente traduziram do francês, respectivamente, os artigos de Willy Gianinazzi e de Michael Löwy.

Recebido para publicação em 25 de junho de 2017
Aceito em 24 de julho de 2017

REFERÊNCIAS

- BOWRING, F. The writer's malady. André Gorz, 1923-2007. *Radical Philosophy*, London, n.148, p. 52-56, 2008.
- CAILLE, A.; FOUREL, C. (Ed.). *Sortir du capitalisme: Le scénario Gorz*. Lormont: Le Bord de l'eau, 2013.
- CAMPOS, R. L. S. de. André Gorz: saber e inteligência enquanto experimentação ética. *Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, Araraquara, SP, v. 1, n. 1, p. 1-3, 2008.
- FOUREL, C. (Ed.). *André Gorz: Um penseur pour le XXI^e siècle*. Paris: La Découverte, 2009.
- FREITAS, R. A. de. Tempo de trabalho e autonomia: uma homenagem a André Gorz. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n.1, pp. 131-138, 2008.
- GIANINAZZI, W. *André Gorz, une vie*. Paris: La Découverte, 2016.
- GOLLAIN, F. André, mon maître. Hommage à André Gorz. *Revue du MAUSS*, Paris, n. 31, p. 315-327, 2008.
- IHU ON-LINE: Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, RS: Instituto Humanitas Unisinos ano VII, 1 out. 2007. <www.unisinos.br/ihu>. Acesso em:
- RODRIGUES, I. J.; SILVA, J. P. da. Apresentação, *Tempo Social*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 1-9, 2009.
- TEMPO SOCIAL. São Paulo: USP, v.21, n.1, jun. 2009. <[Http://www.ffcl.usp.br/sociologia/temposocial](http://www.ffcl.usp.br/sociologia/temposocial)>. Acesso em:
- VALDIVIELSO, J. André Gorz, perfil político y filosófico de um intelectual disidente: In memoriam. *Revista Internacional de Filosofia Política*, Madrid, n. 30, p. 101-116, Dic. 2007. 2007. <[HTTP://e-spacio.uned.es/fez/eserv/bibliuned.filopoli-2007-30-0007.PDF](http://e-spacio.uned.es/fez/eserv/bibliuned.filopoli-2007-30-0007.PDF)>. Acesso em:

Josué Pereira da Silva – Doutor em Sociologia pela New School for Social Research, New York, USA. Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Integra o Núcleo de Pesquisa Teoria Crítica e Sociologia ([HTTP://www.tcesociologia.ifch.unicamp.br](http://www.tcesociologia.ifch.unicamp.br)), desenvolvendo pesquisas na área de Teoria social crítica e Sociologia contemporânea. Publicações recentes: Por que renda básica? (Annablume, 2014); Trabalho, cidadania e reconhecimento (Annablume, 2008); André Gorz: trabalho e política, 2ª. Edição (Annablume, 2011).